

O TRADUTOR COMO AGENTE INTERMEDIÁRIO DA CRIAÇÃO LINGUÍSTICO-LITERÁRIA NA OBRA ‘1984’, DE GEORGE ORWELL

Tales Giovanni Bernardino (PIBIC/CNPq/FA/UEM),
Liliam Cristina Marins (Orientadora). E-mail: lmarins@uem.br.

Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes,
Maringá, PR.

Área e subárea do conhecimento: Linguística, Letras e Artes / Literaturas Estrangeiras Modernas

Palavras-chave: literatura distópica; conlang; estudos da tradução.

RESUMO

O presente trabalho objetiva comparar uma tradução da obra ‘1984’, de George Orwell, em língua portuguesa com a versão base em língua inglesa a fim de ressaltar a função co/re/criatória do tradutor e o uso da linguagem para fins de manipulação ideológico-política. Acerca de seu percurso metodológico, trata-se de uma pesquisa qualitativa documental cujo *corpus* se constitui de um romance distópico inglês e uma língua artificial baseada em estruturas gramaticais da língua inglesa, sendo, portanto, uma *conlang a posteriori*. Para a realização das análises, ancora-se nos estudos linguísticos (Saussure, 2022), da tradução (Blume; Peterle, 2013; Esteves; Veras, 2014) e de *conlangs* (Noletto; Norledge; Stockwell, 2024). Os resultados obtidos demonstram que existem irregularidades e inconstâncias estruturais na versão traduzida da glossopeia orwelliana, o que ressalta o impacto das escolhas realizadas pelos tradutores e as diferenças linguísticas e culturais entre o inglês e o português. Conclui-se que pesquisas acadêmicas envolvendo estudos linguísticos, distópicos e/ou tradutórios como esta podem levantar questionamentos à respeito de como se dá a hierarquização e manipulação político-ideológica em tiranias históricas e na contemporaneidade, além de ressaltar a ausência de neutralidade nos discursos, o que enfatiza o poder da língua(gem).

INTRODUÇÃO

O romance distópico inglês ‘1984’ se ambienta em um mundo tripartido em superpotências, ou superestados, sendo protagonizado por Winston Smith, um funcionário do Ministério da Verdade, responsável por reescrever e falsificar documentos a fim de alinhá-los com os desejos do regime totalitário Ingsoc (ou Sosing, na versão traduzida), alusivo ao Socialismo Inglês. Ao decorrer da obra, a criação de uma língua fictícia (Newspeak, ou Novafala) se demonstra como extremamente importante para o controle e disseminação de ideologias, restringindo o pensamento e impossibilitando interpretações que difiram das do Partido.

Como objetivo geral deste trabalho enfatiza-se a análise comparativa de neologismos presentes em '1984', de George Orwell, na versão base em língua em inglesa e na tradução de Alexandre Hubner e Heloisa Jahn para a língua portuguesa, com o intuito de ressaltar o papel do tradutor enquanto um agente intermediário que cria, cocria e recria uma obra. Trata-se, portanto, de uma análise primordialmente documental com teor qualitativo que se baseia em uma perspectiva crítica dos estudos da tradução e de um viés linguístico que destaca o poder e impacto do uso e manipulação da língua em âmbitos políticos e suas implicações com o controle de mentes e pensamentos.

Além disso, objetiva analisar como se dá a ambientação e representação da língua fictícia no livro e qual sua importância para a criação e imersão da trama, bem como possíveis inconsistências estruturais na versão traduzida da glossopoeia orwelliana e efeitos em potencial que a língua apresenta enquanto criadora de interpretações. Para tal, ancora-se na coletânea 'Reading Fictional Languages' (Noletto; Norledge; Stockwell, 2024), a fim de analisar as funções de *conlangs* em obras literárias, com foco no aspecto linguístico, em consonância com o 'Curso de Linguística Geral' (Saussure, 2022) e os estudos da tradução representados, principalmente, nos livros 'Tradução e relações de poder' (Blume; Peterle, 2013) e 'Vozes da tradução: éticas do traduzir' (Esteves; Veras, 2014).

MATERIAIS E MÉTODOS

A pesquisa se iniciou pela leitura e seleção de palavras e frases a serem analisadas na obra '1984', de George Orwell, seguida pela leitura de teoria basilares para os estudos linguísticos, com foco no estruturalismo saussuriano em consonância com teorias pós-modernas de análise de línguas ficcionais em um contexto artístico-literário. Após a revisão de conceitos-chaves para alicerçar o desenvolvimento analítico, realizou-se a observação do gênero utopia e seu subgênero distopia e como se dá a aplicação de línguas artificiais neste tipo de literatura, traçando um paralelo entre arte e realidade.

Compreende-se, também, que a literatura possui a função de criar e ambientar contextos e narrativas e, portanto, a língua, enquanto elemento cultural de um povo, trata-se de um ponto crucial para as interpretações. Assim sendo, ao se analisar o processo de criação da *conlang*, intende-se analisar a cultura das personagens e a ambientação da narrativa, valorizando a observação imanente da obra de maneira conjunta com as questões externas a partir do idioma criado e de seus potenciais falantes.

No que tange a questão da tradução e do tradutor, partiu-se de um viés teórico-crítico que considera a língua como um elemento cultural que se vincula a questões sócio-histórico-políticas controlado por relações de poder e organizado de maneira hierárquica, sendo esvaído de neutralidade. De igual modo, o agente tradutório não se encontra isento da responsabilidade de assumir determinada ideologia em seus textos, a qual servirá como base para a re/co/criação de suas traduções, uma vez que nossa identidade, sendo moldada a partir de diversas vozes

e relações em nosso entorno com o próximo, é essencial para a leitura que realizamos de uma obra.

Ademais, outro fator importante para os estudos envolvendo tradução diz respeito às intervenções e mediações éticas que perpassam as línguas e os textos. Dessa forma, propõe-se uma análise que defende o tradutor como um agente intermediário, o leitor por excelência, de forma que suas escolhas para o texto partam de suas vivências e sejam parte de seu trabalho realizar alterações e adaptações quando achar necessário, não devendo buscar uma “fidelidade” ao “original”. Não se trata, portanto, de um traidor; pelo contrário, encontra-se, inúmeras vezes sendo traído pelas mãos do mercado e organização social a partir do momento que sua autonomia é retirada e seu trabalho é desvinculado do âmbito profissional, seja pelo uso obrigatório de softwares, glossários, estilos e/ou pela tentativa de se buscar uma aproximação idealizada com o texto base.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir das análises, fez-se possível concluir que o idioma em criação na obra ‘1984’ demanda uma adaptação na versão traduzida, uma vez que se baseia em aspectos gramaticais da língua inglesa e, portanto, utiliza elementos específicos e conhecidos pelos falantes da língua-base que podem ser desconhecidos pelos leitores na língua-alvo. Por este motivo, justifica-se a presença de uma ressalva feita através de uma nota dos tradutores na versão brasileira analisada acerca de pequenas adaptações realizadas no apêndice, ressaltando diferenças linguísticas e culturais entre ambas versões.

Outrossim, durante o mapeamento das versões analisadas da conlang, encontram-se algumas inconsistências estruturais, o que, por um lado se afasta da proposta de paralelismo do *Newspeak*, mas, por outro, também ressalta o papel do tradutor e a diferenciação entre literatura nacional e traduzida, já que cada versão é única e original em sua própria maneira. Ainda à respeito de divergências durante o processo de criação e/ou tradução de línguas artificiais, apreende-se que as lacunas linguísticas esporádicas podem ser resultantes de escolhas autorais ou meros descuidos.

Por fim, percebe-se que na tradução há uma tentativa em adaptar o contexto da obra para seus leitores, ainda que haja uma escolha deliberada em reconhecer suas limitações quanto ao acesso da cultura estrangeira. Se, por muito tempo, a expressão italiana *Traduttore, Traditore* foi utilizada com a intenção de posicionar o tradutor em uma posição de traidor, talvez esta noção deva ser repensada nos estudos pós-modernos, já que, baseado no questionamento proposto por Esteves (2014), toda tradução é também adaptação e, por isso, o tradutor não trai, mas é traído pelo senso comum e hierarquização do mercado ao tentar legitimar sua voz, a qual serve para criar, cocriar e recriar os textos.

CONCLUSÕES

A partir da pesquisa, conclui-se que há uma disputa de poder social que impacta no processo de tradução e que os conhecimentos exigidos do agente tradutório vão além do quesito linguístico verbo-lexical, uma vez que partem de aspectos culturais, político-ideológicos e identitários. Além disso, destaca-se que a língua pode ser usada como ferramenta de divulgação de ideologias e restrição do pensamento crítico, o que se observa tanto na literatura distópica, quanto no mundo real, o que justifica o estudo de obras artísticas para além da arte.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à UEM - pelo fomento - e ao PIBIC por permitirem a realização deste trabalho que dá início à minha carreira como pesquisador científico. Agradeço, também, à minha orientadora, Liliam Cristina Marins. Sem ela, esta pesquisa não seria possível!

REFERÊNCIAS

BLUME, R. F.; PETERLE, P. (Orgs.) **Tradução e relações de poder**. Tubarão: Copiart, 2013.

ESTEVES, L. M. R.; VERAS, V. (org.). **Vozes da tradução**: éticas do traduzir. São Paulo: Humanitas, 2014.

NOLETTO, I. A. C.; NORLEDGE, J.; STOCKWELL, P. (Org.). **Reading Fictional Languages**. Edimburgo: Edinburgh University Press, 2024.

ORWELL, G. [Eric Arthur Blair]. **1984**. Posfácio: Erich Fromm. Nova Iorque: Signet Classics, c1977.

ORWELL, G. [Eric Arthur Blair]. **1984**: Edição Especial. Tradução: Alexandre Hubner e Heloisa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

SAUSSURE, F. de. **Curso de Linguística Geral**. Tradução: Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 28 ed. São Paulo: Cultrix, 2022.